



**UNIVERSIDADE PARANAENSE – UNIPAR
CURSO FARMÁCIA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA – METODOLOGIA SEMIPRESENCIAL DA
UNIVERSIDADE PARANAENSE - UNIPAR**

**ELIZABETH FERREIRA REIS
MISAE BATISTA REIS**

**USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS: O PAPEL DO
PROFISSIONAL FARMACÊUTICO**

**UNIPAR – PARANAVAÍ-PR
2022**

**ELIZABETH FERREIRA REIS
MISAEEL BATISTA REIS**

**Uso racional de medicamentos: o papel do profissional
farmacêutico**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora
do Curso de Farmácia da
Universidade Paranaense –
Campus de Paranavaí, como
requisito parcial para a obtenção
do título de Bacharel de Farmácia,
sob orientação da Prof^a Ma.
Bárbara Sackser Horvath.**

**UNIPAR – PARANAVAÍ-PR
2022**

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a **Deus** que nos guiou, nos conduziu durante essa caminhada nos livrando de todos os perigos da estrada, sempre nos dando força para prosseguir.

Aos nossos filhos pela compreensão e desprendimento nos momentos em que estivemos ausentes.

Aos nossos pais pela dedicação, cuidado e carinho conosco e com nossos filhos, sem vocês nós não teríamos conseguido atingir o nosso alvo: ***o tão sonhado título de farmacêuticos.***

A todos os **professores** e **tutores** que passaram no nosso caminho durante essa jornada, cada um de vocês tiveram papel de grande importância no nosso desenvolvimento e crescimento.

Ao nosso querido **coordenador** do curso **Prof. Virlei**, sempre tão prestativo, um grande incentivador dos nossos sonhos. Sua alegria, seu comprometimento e seu desejo ardente de entregar vencedores ao mundo sempre foi muito visível em seu olhar sorridente.

A todos os **nossos amigos** de turma que estiveram presentes em todos os momentos, sempre sendo um o apoio do outro, a âncora que fortalecia a todo momento, o ponto de equilíbrio para não desistirmos no meio da jornada.

E por fim, a nossa grande orientadora **Profª Ma. Bárbara** que nos acolheu e esteve sempre tão presente nos conduzindo a entregar o nosso melhor, fazendo valer a frase de Isaac Newton: ***Se eu vi mais longe, foi por estar sobre os ombros de gigantes.***

*A percepção do
desconhecido é a mais
fascinante das experiências.
O homem que não tem os
olhos abertos para o
misterioso passará pela vida
sem ver nada.”*

Albert Einstein

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
OBJETIVOS	8
OBJETIVO GERAL	8
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
DESENVOLVIMENTO	8
UMA PERSPECTIVA SOBRE MEDICAMENTOS	8
USO RACIONAL E IRRACIONAL DE MEDICAMENTOS	9
AUTOMEDICAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES	10
FATORES QUE INDUZEM O USO IRRACIONAL DE MEDICAMENTOS	12
EXCESSO DE PROPAGANDA	13
A COMPRA DOS (MIP'S) MEDICAMENTOS ISENTOS DE PRESCRIÇÃO IMPULSIONADA PELA AMPLA EXPOSIÇÃO AO ALCANCE DO CONSUMIDOR	14
FATORES ECONÔMICOS	15
AUSÊNCIA DE INFORMAÇÕES	16
MOTIVADORES PESSOAIS	17
ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA	17
O PAPEL DO FARMACÊUTICO	19
A CONTRIBUIÇÃO DO FARMACÊUTICO NA SOCIEDADE PARA CONSCIENTIZAÇÃO DO USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24
DECLARAÇÃO DE AUTORIA	27

USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS: O PAPEL DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO

Elizabeth Ferreira Reis¹; Misael Batista Reis¹; Bárbara Sackser Horvath²

¹ Acadêmicos do Curso de Farmácia da Universidade Paranaense – UNIPAR

² Docente do Curso de Farmácia da Universidade Paranaense – UNIPAR

RESUMO

Não há dúvida que o medicamento é um grande aliado terapêutico no tratamento do paciente e na busca de uma qualidade de vida melhor, combatendo os males e as doenças que afetam a população. Entretanto, o uso irracional de medicamentos e automedicação traz grandes danos para saúde e essas práticas têm crescido absurdamente nos últimos anos, tornando um grande perigo para seus usuários. A utilização de medicamentos sem orientação do profissional da área da saúde devidamente qualificado, sem atender as ações que promovem a Assistência Farmacêutica podem causar danos irreversíveis à saúde, podendo levar o paciente a morte.

O trabalho evidencia a importância do farmacêutico na conscientização do uso racional e como seu papel ativo através de ações que promovam a saúde pode influenciar na utilização correta, e assim minimizar os riscos causados pelo uso incorreto.

O artigo trata-se de uma revisão bibliográfica, nos quais vários artigos científicos encontrados no Scholar Google, SCIELO, portal de periódicos CAPES, Bibliotecas de Saúde, PubMed, Semantic Scholar, serviram de referência para fundamentá-lo.

Palavras chaves: Automedicação. Medicamento. Atenção Farmacêutica.

ABSTRACT

There is no doubt that medicine is a great therapeutic ally in the treatment of the patient and in the search for a better quality of life, fighting the ills and diseases that affect the population. However, the irrational use of medicines and self-medication brings great harm to health and these practices have grown absurdly in recent years, making them a great danger for their users. Their use of medicines without professional guidance from a qualified health professional, without meeting the actions that promote Pharmaceutical Assistance can cause irreversible damage to health, which can lead to the patients death.

The work highlights the importance of the pharmacist in raising awareness of rational use and how their active role through actions that promote health can influence the correct use, and thus minimize the risks caused by incorrect use.

The article is a bibliographic review in which several scientific articles found in Google Scholar, SCIELO, CAPES journal portal, Health Libraries, PubMed, Semantic Scholar, served as a reference to support it.

KEY WORDS: Self-medication. Medicine. Pharmaceutical attention.

1. INTRODUÇÃO

O uso irracional de medicamentos vem crescendo cada vez mais no Brasil e tornando-se assim uma prática comum no Brasil. A facilidade de compra sem critérios e sem orientações necessárias de um profissional qualificado vem sendo algo corriqueiro, logo, essa prática inadequada traz grandes riscos para a saúde e prejudica a qualidade de vida da população.

Segundo levantamento de Aquino (2008) os dados são alarmantes, as estatísticas do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) apontam que um terço das internações são em razão do uso incorreto de medicamentos, já as intoxicações por uso chegam a 27% e 16% das mortes são causadas por intoxicações de medicamentos.

Na visão de Silva et al., (2018), muitos são os fatores que influenciam nessa prática do uso irracional, entre eles, o excesso de propaganda das mídias, as redes sociais estão cada vez mais presentes fazendo divulgações perigosas, sem controle, sem qualidades, de forma subliminar omitindo informações que são necessárias para conscientização, e assim, atingindo uma grande massa de adeptos através desses veículos de comunicação.

Logo, percebe-se que as empresas de produtos/medicamentos na ânsia de obter lucro e venda, acabam divulgando de maneiras exageradas deixando omissas informações que são importantes quanto a segurança e eficácia, além disso, o fácil acesso e venda livre em farmácias é algo que prejudica bastante o uso racional (VIEIRA, 2007).

Segundo Silva (et al., 2018) a venda de medicamentos pode parecer algo simples, mas não é. A venda de medicamento é algo muito sério e quando usado sem as indicações corretas podem causar dependência em seus usuários, bem como, causar sérios riscos para saúde, pela falta de orientações corretas de profissionais preparados na conscientização do uso racional de medicamentos, gerando assim, grande impacto na saúde.

O uso racional de medicamentos é conceituado pela Política Nacional de Medicamentos (BRASIL, 1998) como processo “que compreende a prescrição apropriada: a disponibilidade oportuna e a preços acessíveis; a dispensação em

condições adequadas; e o consumo nas doses indicadas, nos intervalos definidos e no período de tempo indicado de medicamentos eficazes, seguros e de qualidade.”

Entretanto, observa-se grandes contrastes entre o uso racional e o uso irracional, nesse sentido, cabe ao farmacêutico ser responsável pela disseminação, divulgação e conscientização da população para o uso indevido de medicamentos, ou seja, preparando caminhos e alternativas para facilitar o controle, bem como, esclarecer e evitar dúvidas e dificuldades que possam surgir no caminho, evitando dessa forma, possíveis complicações.

Sabe-se que o uso irracional de medicamentos traz sérias consequências para a população, e seu uso incorreto traz danos muitas vezes irreversíveis levando o seu usuário a morte, fazendo-se necessário conscientizar a população através de um novo olhar sobre os riscos de consumir esses produtos de forma irresponsável.

Em outras palavras, é necessário reafirmar a importância do farmacêutico como responsável pela disseminação deste conhecimentos farmacológicos para promover ações que provoquem mudança de comportamento e atitude da sociedade.

Dessa forma, buscou-se levantar através dessa revisão bibliográfica quais são as causas/fatores que induzem o paciente a praticar o uso indiscriminado de medicamentos, bem como, qual é o papel do farmacêutico diante desse cenário.

A primeira seção traz um olhar amplo sobre medicamentos, explanando suas definições, suas distinções e as consequências causadas pelo mau uso.

Na segunda seção observa-se as causas, os fatores que induzem o paciente a praticar o uso indiscriminado de medicamentos ao invés do uso racional.

Por fim, na terceira seção enfatiza o papel do farmacêutico, suas atribuições, suas contribuições e a importância de ser um agente transformador na sociedade que está inserido para influenciar, persuadir e orientar a população a buscar viver uma vida com mais qualidade, com mais responsabilidade e comprometimento, e assim, aumentar a expectativa de vida de todos.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Avaliar, de acordo com a literatura, os parâmetros que definem o uso racional de medicamentos, bem como o papel do farmacêutico em sua atuação.

2.2 Objetivos específicos

Descrever o uso racional de medicamentos, a automedicação e seus riscos para a saúde.

Investigar os fatores que levam o paciente a praticar o uso irracional de medicamentos.

Avaliar a importância do farmacêutico no processo de conscientização.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Uma perspectiva sobre medicamentos

O Art. 4º, inciso II, da Lei Federal 5.991, de 17 de dezembro de 1973, define que medicamentos são produtos farmacêuticos, tecnicamente obtidos ou elaborados, com finalidade profilática, curativa, paliativa ou para fins de diagnóstico, são importantes instrumentos de saúde, que aspiram diminuir a dor e o sofrimento, evitando o processo de adoecimento, promovendo desta forma, qualidade de vida e retardando os efeitos maléficos.

Segundo defende Arrais (2005), o medicamento é de suma importância nos tratamentos de saúde, grande aliado na relação médico-paciente o qual tem capacidade de auxiliar na busca do tratamento eficaz, combater males instalados, amenizar a dor e em alguns casos favorecer a cura da população.

Ele sustenta que o uso do medicamento quando bem empregado é essencial para qualidade e expectativa de vida população, bem como, uma terapêutica fundamental nas mãos dos médicos, ou seja, uma ferramenta para o tratamento; entretanto, seu uso irracional traz sérios danos e consequências para a saúde, além de aumentar os gastos na área da saúde (ARRAIS, 2005).

Embora sendo o medicamento um instrumento para a saúde, é preciso ter muita cautela; seu uso deve ser restrito às orientações médicas, atender as

necessidades do paciente, com uso adequado e dosagens essenciais; sua utilização de forma inadequada expõe a riscos à saúde, além de que, segundo Ferreira (2018) “a medicação se tomada de maneira incorreta ou diferente da forma orientada, pode ter sua segurança comprometida.”

3.2 Uso racional e irracional de medicamentos

Conforme expõe Fernandes et al., (2020) apud Holloway, Dijk Van (2011) o uso racional de medicamentos se dá quando os pacientes recebem medicamentos apropriados, em doses adequadas às suas próprias necessidades individuais, por um período de tempo adequado e ao menor custo tanto para ele como para a comunidade.

Na visão de Freitas (2020), os medicamentos escolhidos, prescritos e dispensados de forma racional trazem benefícios individuais e para toda a coletividade, pois o paciente ao fazer uso racional garante a eficácia no tratamento, a segurança correta, trazendo dessa forma, menor custo e mais qualidade ao tratamento.

O uso racional de medicamentos no âmbito coletivo além de entregar um atendimento melhor, demonstra uma redução de custos, conseqüentemente todos ganham com isso, a qualidade de vida melhora, as expectativas de vida aumentam, e assim a mortalidade é reduzida.

Cabe-se aqui fazer uma distinção entre automedicação e uso irracional de medicamentos. Segundo afirma Domingues et al., (2017) automedicação é o uso de medicamento sem prescrição médica, enquanto o uso irracional acontece quando há a automedicação sem prescrição e sem acompanhamento do farmacêutico (ROCHA, 2014).

A automedicação sem critérios técnicos, sem controle, sem acompanhamento e informações orientadas pelo profissional qualificado da área da saúde enquadra como uso irracional de medicamentos e não estão em conformidade com as ações da assistência farmacêutica (FERNANDES, 2015).

Segundo conceitua Fernandes et al., (2015) é configurado uso irracional de

medicamentos quando o paciente se automedica recebendo informações de pessoas que não tem qualificação técnica para fazer indicação, ou por conta própria confiando em si mesmo para aliviar seus sintomas, sem buscar ajuda e orientações de um farmacêutico.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2008), o uso irracional de medicamentos envolve várias condutas que incluem: a utilização simultânea de muitos medicamentos sem critérios técnicos, o uso inapropriado de classes farmacológicas e prescrições médicas inadequadas (FERNANDES, 2015).

Todavia tais condutas que envolvem o uso irracional de medicamentos podem ser perigosas e trazer danos irreversíveis para a saúde, conforme expõe Sá et al., (2007), trazendo consequências como: efeitos colaterais, interações medicamentosas, reações adversas e, até mesmo o agravamento do quadro clínico do indivíduo.

Segundo levantamento apresentado por Aquino (2008), é alarmante os dados levantados sobre uso irracional de medicamentos no Brasil, aponta que um terço aproximadamente das internações ocorridas se deve ao uso incorreto de medicamentos.

Estudos realizados por Freitas (2020) apontam que segundo dados fornecidos pelo Sistema Nacional de Informações Tóxico Farmacológicas (SINITOX), da Fundação Oswaldo Cruz, das intoxicações registradas no Brasil, 27% são causadas por intoxicação de medicamentos em seres humanos; apontam também que o uso incorreto de medicamentos representa 16% dos casos de mortes e ao menos um terço das internações.

Diante dos dados assustadores dessas estatísticas, percebe-se que o uso irracional ocorre principalmente pela falta de conhecimento da população, por falta de informações relevantes, e por não seguir indicações de um profissional médico ou farmacêutico habilitado para tal atendimento.

3.3 Automedicação e suas implicações

A automedicação acontece quando o paciente se automedica de forma

própria, confiando em si mesmo ou por indicação de terceiros que não são profissionais habilitados da saúde, ou seja, sem nenhuma orientação médica ou mesmo farmacêutica, geralmente buscando alívio rápido dos sintomas.

Na visão de Barbosa et. al. (2017), seus levantamentos apontam que o paciente sempre recorre há duas opções de se automedicar. Na primeira ele opta por utilizar remédios caseiros, e na segunda se automedicar com medicamentos industrializados, sem orientação farmacêutica.

No entanto, ambas as formas de se automedicar trazem prejuízos, dentre os quais, segundo Fernandes et. al., (2020), destacam-se o atraso no diagnóstico preciso, o qual atrapalha o tratamento da terapêutica adequada, trazendo gastos supérfluos. O uso incorreto pode trazer reações, alergias e intoxicação, podem acontecer dos efeitos ficarem mascarados, confundido com a doença e criando novos problemas, sendo muitas vezes a causa de internação hospitalar ou às vezes levando o paciente à morte.

Conforme salienta Calado (2016) o uso inadequado além de trazer vários danos pode agravar ainda mais a saúde do indivíduo que faz o uso indiscriminado de medicamentos por conta própria por não ter o conhecimento do tratamento correto da patologia a ser tratada. Fernandes et al., (2020) reafirma que a automedicação é uma prática não racional que além de aumentar os riscos de efeitos adversos, retarda o diagnóstico.

Na visão de Sá et al., (2007) os erros mais comuns que acontecem e podem desencadear fatores de maiores gravidades são: uso de medicamento impróprio, doses erradas por um período de tempo insuficiente ou até mesmo um uso demasiado, frequência imprópria, além dos usos de outros medicamentos simultaneamente que pode provocar interações indesejáveis por serem combinações inadequadas.

Assim, Fernandes et al., (2015) e Calado (2016) reafirmam que o uso indiscriminado de medicamentos sem orientações qualificadas do profissional responsável pode ocasionar reações adversas, intoxicações e agravamento do quadro clínico. Calado (2016) ressalta ainda que a utilização de mais de um medicamento ao mesmo tempo pode levar a uma interação medicamentosa acarretando efeitos adversos que podem ser graves para a saúde.

Segundo expõe Ferreira (2018) e Fernandes et al., (2020) é de extrema

importância entender do fármaco de um medicamento para o outro, desta forma prevenindo, bem como avaliar as interações medicamentosas, evitando assim o uso indevido que podem acarretar efeitos adversos graves à saúde.

Souza (2021) ressalta que fazer a anamnese do paciente é essencial e resolve muitos dos problemas, visto que, com o relatório em mãos, é possível analisar todo o tratamento do paciente, detectando se existem medicamentos com interações medicamentosas, observando a necessidade de mais algum medicamento ou até mesmo a eliminação de algum, e assim, manter a segurança e até mesmo a eficácia do medicamento.

Segundo apontamentos realizados por Santos (2013) em um estudo epidemiológico realizado em 3 escolas de Extrema-MG, foram detectados que os principais sintomas que mais geram compra de medicamentos sem prescrição médica são para: resfriado e gripe, dor de cabeça, dor de garganta e tosse; já os problemas gastrointestinais, infecções e outros foram apontados com menor frequência de compra.

3.4 Fatores que induzem o uso irracional de medicamentos

A prática da automedicação acontece pela facilidade de acesso nas compras nos locais de venda, conforme expõe Aquino (2008) se o brasileiro tende a se automedicar porque não encontra disponibilidade dos serviços de saúde mais acessíveis, precisa ficar horas em uma fila, sendo às vezes preciso esperar dias ou meses para ter acesso ao médico, desta forma, comprar o produto sem indicação médica é o meio mais rápido para resolver problemas corriqueiros sem precisar buscar uma unidade hospitalar.

Na visão de Soterio (2016) o uso irracional de medicamentos aumentou pela disponibilidade e facilidade de acesso aos medicamentos de tarja vermelha (sem retenção de receita) e também pelas vendas dos (MIP) Medicamentos Isentos de Prescrição.

Entretanto, diante do que expõe Arrais (2005) acredita que as dificuldades de acesso aos serviços de saúde, a cultura médica e a facilidade de comprar

medicamentos influenciam na compra, bem como, o marketing das indústrias farmacêuticas induzem esses comportamentos.

Para Souza (2021) o acesso ao uso inadequado de medicamentos também é baseado pelos frutos de busca na internet, ou até mesmo indicação de amigos, como consequência dessas ações, dosagem incorreta, produto inadequado para o tratamento, muitas vezes com interações, entre outras tantas preocupações.

Já na visão de Soterio (2016) a dificuldade de acesso ao sistema de saúde e o acesso livre da internet, torna-se mais fácil o acesso a automedicação, visto que, é o caminho mais rápido de “curar ou amenizar” a dor do momento.

Para Silva et al., (2018) o anseio pelo lucro e a venda acabam divulgando exageradamente os produtos sem as informações corretas, deixando omissos a segurança e eficácia dos medicamentos, além disso o fácil acesso a compra em farmácia prejudica bastante o uso racional.

Dessa forma, Souza (2021) argumenta que o uso racional de medicamentos tem sido um desafio grande para os profissionais de saúde, com a facilidade de acesso e devido o grande volume de informações disponibilizados nas mídias a busca pelo profissional pode vir tarde demais, o problema que era algo simples torna-se algo complexo e sem resolução, visto que, a internet ocupou o primeiro lugar de busca.

3.5 Excesso de propaganda

Na visão de Freitas (2020) e Aquino (2008) a disseminação crescente na internet de propaganda de forma implícita incentiva os consumidores a comprarem, apresentando muitas vezes como instrumentos educativos ou de informação, demonstrando intuito de promover a saúde.

O grande perigo dessa propaganda de medicamentos, na maioria das vezes traz uma abordagem empírica que confunde a cabeça do consumidor que não conhece o conceito de medicamento, induzindo a consumir mais do que o necessário, incentivando assim, a automedicação que faz piorar os sintomas, além dos prejuízos e danos causados ao paciente, provoca prejuízo financeiros para o Estado em decorrência do agravamento do quadro clínico do paciente ou até mesmo reações adversas (FREITAS, 2020).

Como visto, a propaganda de medicamentos, torna-se um estímulo para a prática do uso inadequado, visto que, tende a ressaltar os benefícios dos medicamentos e omitir, ou até mesmo, minimizar os riscos e os possíveis efeitos adversos, dando a impressão, especialmente ao público leigo, que são produtos inócuos, influenciando-os a consumir como qualquer outra mercadoria. (AQUINO, 2008).

Conforme reforça Lima (2021), campanhas realizadas por agências publicitárias, empresas de comunicação têm como intuito aumentar o consumo, e esses consumos sem indicação médica aumenta os riscos decorrentes da automedicação, e assim, traz consequência e danos ao consumidor.

Que segundo a visão de Aquino (2008) este tipo de propagandas oferecem muitos riscos ao paciente, pelo fato de ressaltar apenas os benefícios do medicamento, não deixando evidente os riscos que pode causar, nem os efeitos adversos, desperta no público leigo o desejo e dispara a vontade para consumir o produto.

3.6 A compra dos (MIP's) medicamentos isentos de prescrição impulsionada pela ampla exposição ao alcance do consumidor

Segundo Pinto (2011) os medicamentos isentos de prescrição (MIP's) são os medicamentos que oferecem riscos menores pela consequência de seu uso como por exemplo: medicamentos para dores de cabeça, náuseas, antigripais, cólicas, etc; para Soterio (2016) essa facilidade de compra de MIP's pela ampla exposição ao alcance do consumidor aumenta o uso irracional de medicamentos.

Por sua vez, Ferreira (2018) aponta que a população está acostumada a sanar sintomas corriqueiros com esses medicamentos isentos de prescrição, porém salienta que as autoridades sanitárias autorizam essa venda para sintomas de menor intensidade, bem como, esses medicamentos devem ser utilizados com informativos, utilizando-se da bula e com a orientação farmacêutica.

De outro lado, Fernandes (2015) aponta que a dispensação desses medicamentos só faz sentido se ocorrer sob orientação farmacêutica, pois apesar de ser medicamentos isentos de prescrição também podem acarretar reações alérgicas e efeitos adversos, bem como pode ter relevantes interações medicamentosas.

Segundo Freitas et al., (2020) a população deveria ter informações mais explícitas que apontem os riscos aos quais estão sendo expostos quando utilizam medicações que não requerem prescrição. Todavia, ao contrário, são induzidos ao consumo indiscriminado pela ampla publicidade de tais produtos, tornando-se assim atrativo de uso.

Na visão de Soterio (2016) os MIP's por serem considerados "seguros" e isentos de prescrição e estarem ao alcance das mãos facilitam o acesso a população, mas não apontam a população os danos que podem ocasionar à saúde, assim como qualquer outro tipo de medicamentos.

Gimenes (2019) ressalta que os medicamentos isentos de prescrição (MIP's) são os únicos que podem ser divulgados em propagandas, mas mesmo assim os riscos são grandes porque essas transmitem ao público apenas os benefícios do produto e omite informações quanto a sua segurança, influenciando a automedicação, aumentando os riscos de agravamento de doenças por incentivar o uso irracional de medicamentos, levando muitas vezes o paciente ao sistema único de saúde por intoxicação.

Entretanto Gimenes (2019) salienta que a intervenção do farmacêutico na prescrição pode auxiliar o paciente quanto ao uso racional do medicamento, prestando um atendimento de qualidade na orientação de doenças simples e assim, evitando agravos para o serviço médico.

3.7 Fatores econômicos

Para Loyola Filho (2002) o crescimento e a difusão da automedicação no mundo acontecem por fatores econômicos, políticos e culturais, defende ainda que quanto maior a disponibilidade do produto no mercado, mais familiaridade tem o público leigo com o medicamento.

Afirma também que o "processo de globalização da economia desvincula o Estado da condição de força motriz do desenvolvimento socioeconômico, e o ajustamento das contas internas resulta numa redução dos investimentos sociais, entre eles, os gastos com saúde."

Nos países pobres, os serviços de atenção formal à saúde são bastantes dificultados, tendo em vista que a produção é regrada, e assim a distribuição dos

medicamentos essenciais são contidos (LOYOLA FILHO, 2002).

Segundo Loyola Filho (2002) e Sobral (2018) são diversos fatores econômicos, políticos e culturais que propagam a expansão e a utilização da automedicação no mundo, e acabam, dessa forma, trazendo problemas de saúde pública.

Defendem-se ainda que é necessário um alerta à população dos riscos da automedicação, visto que, a automedicação pode mascarar doenças graves que exijam tratamentos mais específicos, e assim tornar tarde o tratamento.

Na visão de Santos et al., (2013) os fatores econômicos, políticos e culturais contribuem para o crescimento e a difusão, da utilização de medicamentos sem orientação profissional, tornando isso um problema de saúde pública.

Já segundo a visão de Lima (2021) os fatores sociais, a carência de um sistema de saúde com mais acessibilidade, questões políticas contribuem diretamente ou indiretamente para uso irracional.

3.8 Ausência de informações

Calado (2016) observa em seus estudos que um dos fatores apontados com certa relevância pelo uso inadequado do usuário de medicamento é a falta de conhecimento do produto, a falta de orientação sobre seu uso e dosagem correta.

Por outro lado, Aquino (2008) também observa a ignorância de alguns pacientes em não se atentar aos perigos de misturar os medicamentos, e assim, omitir o uso de alguns medicamentos para o médico que o está tratando, existem pacientes que são acompanhados por vários médicos, e não há intercomunicações entre ambos.

Concomitantemente a isso, Sobral (2018) também observa que alguns pacientes preferem “se automedicar para evitar o desperdício de tempo procurando um especialista no assunto ou porque recebeu a indicação de alguém que tal medicamento serviria para determinado sintoma.”

Em síntese, Fernandes et al., (2015) expõe que muitos casos de medicação também são induzidos com prescrições antigas que o paciente já havia utilizado em um determinado momento, o qual havia tido o efeito desejado, bem como, indicações feitas por um terceiro, sendo esse vizinho ou amigo que relata o mesmo sintoma.

3.9 Motivadores pessoais

Para Sá et al., (2007) o consumo de medicamentos pode ser influenciado por uma gama complexa de motivadores, sendo esses tantos de ordem estética, como de ordem psicológica associadas à sociedade moderna.

Esses motivadores induzem os consumidores a procurar fórmulas farmacêuticas que prometem redução de peso, ganho de massa, retardar o envelhecimento, levantar a autoestima, e até mesmo estímulos para o trabalho e lazer e prazer.

Enfim, garantem promessas que tem como propensão gerenciar o próprio metabolismo, garantindo controle sobre corpo, emoções, desejos e personalidade para atingir os fins definidos pela cultura atual.

4 ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA

Conforme determina o Conselho Nacional de Saúde na Resolução 338/2004 a assistência farmacêutica é “um conjunto de ações voltadas à promoção, proteção e recuperação da saúde, tanto individual como coletivo, tendo o medicamento como insumo essencial e visando o acesso ao seu uso racional.”

Na mesma Resolução, em seu inciso IV, artigo 1º, diz que as ações promovidas pela assistência farmacêutica envolvem aqueles referentes à atenção farmacêutica, [...] “É a interação direta do farmacêutico com o usuário, visando uma farmacoterapia racional e a obtenção de resultados definidos e mensuráveis, voltados para a melhoria da qualidade de vida.”

Assim, segundo França (2021) o objetivo da assistência farmacêutica é oferecer informações precisas ao paciente, sobre a doença que será tratada, o uso correto do medicamento e o tratamento adequado, bem como, a segurança e o uso racional dos medicamentos, deixando claro as propostas terapêuticas integradas.

A assistência farmacêutica garante “a melhoria da qualidade e a eficácia do fármaco”, garantido uma orientação adequada ao paciente para utilização correta, aumentando a aderência terapêutica prescrita e os cuidados da prevenção de efeitos colaterais e nas interações de fármacos, sendo assim, uma ferramenta estratégica

para que os pacientes recebem uma administração eficiente dos fármacos. (FRANÇA, 2021).

Dessa forma, fica evidente a importância da atenção farmacêutica para a sociedade, no qual o farmacêutico representa um grande papel em sua atuação, trazendo consciência e provendo a diminuição dos índices de automedicação, influenciando também o uso correto dos medicamentos, através da colaboração participativa evitando o uso de doses e medicamentos inadequados e alertando sobre os perigos ocasionados pelo uso irracional de medicamentos.

O papel do farmacêutico na assistência farmacêutica é fundamental pois educa a sociedade através das orientações ao paciente quanto aos efeitos medicamentosos e ressalta a importância da utilização correta, proporcionando mais qualidade de vida para os pacientes, e assim, reduzindo o uso irracional de medicamento e diminuindo os riscos causados pela má utilização.

Observa Sobral (2018) que além da atuação do farmacêutico ser fundamental no processo de atenção farmacêutica para prevenção dos danos causados pelo uso irracional de medicamentos, ressalva ainda, que a dispensação responsável é tão importante quanto uma prescrição de qualidade, pois ela possibilita o acompanhamento da farmacoterapia, “garantindo a necessidade, a segurança e a efetividade no processo de utilização de medicamentos, além de auxiliá-lo a conseguir melhores resultados durante o tratamento medicamentoso.”

Souza, (2021) defende que a atenção farmacêutica é a maneira mais eficiente que o farmacêutico tem para promover o uso racional de medicamentos, através de uma farmacoterapia correta e de extrema qualidade ao paciente, reduzindo dessa forma a automedicação.

Constata-se que a grande maioria da população brasileira tem dificuldades de acesso à saúde, sendo assim, é muito comum buscar ajuda na internet, porém esse hábito é muito prejudicial, visto que, partem de informações incompletas, e sem acompanhamento de mais informações necessárias para que fechem o diagnóstico correto.

Com tantas informações soltam nas redes, a farmácia é linha de frente quando se busca o tratamento, diante de tal situação, fica evidente como a atenção farmacêutica deve ser essencial e necessária, o profissional farmacêutico é responsável atender o paciente com muita ética e responsabilidade levando as

informações corretas ao paciente para melhor adesão ao tratamento.

Nesse sentido, Souza (2021) e Coelho et. At., (2018) reforçam que é de grande importância o farmacêutico utilizar de acompanhamento farmacológico, identificando e resolvendo problemas relacionados à farmacoterapia atual, relatando os problemas de forma sistêmica e documentada, proporcionando assim, uma qualidade de vida para o paciente, promovendo saúde ao seu usuário.

4.1 O papel do farmacêutico

O farmacêutico tem um papel fundamental na promoção do uso racional medicamentos, visando por suas especialidades e conhecimento profundos de fármaco pode favorecer suas ações levando ampliação do conhecimento para a comunidade incentivando e impulsionando o uso correto de medicamentos.

Segundo dados levantados por Sobral (2018) apud Cebrim (2003) “mais 50% de todos os medicamentos que são prescritos, dispensados, ou vendidos, mundialmente ocorre de forma inadequada, enquanto que 50% dos pacientes não tomam seus medicamentos corretamente.”

Diante o que expõe Lima (2021) percebe-se que o profissional farmacêutico tem condições de analisar as ocorrências pertinentes ao mau uso de medicamentos, relatos como reações adversas, interações medicamentosas, intoxicações, efeitos que causam danos à saúde do paciente, e assim, liderar o controle da saúde da população diante dos riscos dessas substâncias. Importante ressaltar, que além da presença do profissional farmacêutico, se faz necessário, um trabalho conjunto de uma equipe multidisciplinar de saúde para promover o uso racional.

Entretanto, Soterio (2016) reafirma que o farmacêutico “tem papel fundamental na etapa de orientação da população para o uso correto de medicamentos”, visto que, são profissionais especializados, em diversas áreas da saúde, como: hospitais, laboratórios de análises clínicas, farmacologia, drogarias e farmácias e além do mais, são responsáveis pela orientação segura.

Ele também defende que a atenção farmacêutica é extremamente relevante para a população na dispensação do medicamento, esse é um momento de interação e orientação que se tem com o paciente, é nesse momento que ocorre as orientações

de como usar, qual a dosagem correta, quanto tempo levará o tratamento, bem como, orientando os riscos, como também, os benefícios de fazer uso de tal medicação (SOTERIO, 2016).

Fernandes et al., (2015) aponta que um fator muito importante contra a prática habitual da automedicação e que vem a favor do uso racional é legalização da prescrição farmacêutica concedida por intermédio da Resolução 586, de 29 de agosto de 2013, sobre os medicamentos de venda livre, assim, a prescrição tornou-se uma grande aliada do farmacêutico, transformando assim, em uma indicação que atende critérios, favorecendo o uso racional de medicamentos.

Entretanto, Barbosa (2017) ressalva que nem todos os medicamentos podem ser prescritos pelo farmacêutico, e sim, apenas medicamentos isentos de prescrição médica como analgésicos, antitérmicos, antiácidos, medicamentos que não necessitam de intervenção médica.

O farmacêutico precisa ter conhecimentos que permitam indicar, ou até mesmo desaconselhar o uso quando não achar pertinente, visto que, como bem aponta Lima (2021) o farmacêutico é de suma importância no combate dessa luta de irracionalidade medicamentosa, controlando esse mal que aflige a tantos, conscientizando o uso correto, instruindo, educando e orientando sobre a importância do medicamento, a posologia correta, os efeitos colaterais, e quanto às reações adversas.

Assim, Barbosa (2017) entende que é fundamental o papel do farmacêutico na promoção do uso racional, pois ele tem a possibilidade de promover ações que ampliem a informação da comunidade, corrigindo equívocos causados, e de forma profissional solucionar os problemas de quem o procurou.

Além de que, na visão de Vieira (2007) o bem-estar do paciente tem que ser o fator principal. Segundo Barbosa (2017), o paciente passa a ter mais qualidade de vida quando o farmacêutico, utilizando do seu conhecimento, participando de acordos sociais e colaborativo entre várias áreas da saúde, auxilia o paciente a fazer o uso racional de medicamentos.

Sendo assim, o farmacêutico pode somar com outros profissionais da saúde e em equipe trabalhar para a promoção da saúde, defendendo o uso racional de medicamentos, e assim, o acompanhamento e orientação farmacêutica entregará um serviço de farmácia de qualidade para a sociedade. (VIEIRA, 2007).

4.2 A contribuição do farmacêutico na sociedade para conscientização do uso racional de medicamentos

Diante da visão de Mendes, (2008) o farmacêutico ocupa um lugar muito mais abrangente no que diz respeito a saúde da população, devendo sair de trás do balcão, servindo a comunidade, proporcionando cuidado ao invés de entregar comprimidos, deixando as suas limitações de aquisição e distribuição de medicamentos para uma gestão mais acolhedora.

Conforme expõe Ferreira (2018) o farmacêutico como profissional da saúde e prestador da assistência farmacêutica, desempenha um papel fundamental na sociedade na orientação e no aconselhamento do paciente quanto ao uso adequado do medicamento, vale ressaltar, que a população utiliza a farmácia como primeira opção de cuidados médicos, dessa forma, faz-se necessário orientar ao paciente sobre os perigos do uso irracional.

A publicação da Lei 5.991/73, que ainda está em vigor, conferiu às atividades farmacêuticas um enfoque mercantilista. Segundo Vieira (2017) essa lei permite que qualquer empreendedor possa ser proprietário de uma farmácia ou drogaria, a única exigência estabelecida é que o estabelecimento tenha um responsável técnico pela farmácia, ou seja, um farmacêutico.

Convém lembrar que essa situação colocou a capacidade profissional em jogo, colocando o profissional a situações inadequadas, no qual o profissional passou a atuar nas drogarias como um mero empregado, muitas vezes fazendo o papel do balconista (COELHO, 2018).

Visto que, o estabelecimento comercial está mais voltado para uma visão de lucratividade, faz com que a autonomia farmacêutica para desempenhar suas atividades seja prejudicada, muitas vezes, utilizando-se da empurroterapia para obter lucros desenfreados (VIEIRA, 2007).

Para Fernandes et al., (2015) o farmacêutico precisa estar consciente que a farmácia é a porta de acesso primário à saúde, com essa consciência o farmacêutico deve estar preparado dentro de suas competências e habilidades para contribuir com o paciente de maneira adequada, colocando a atenção farmacêutica à serviço e, tendo

o paciente sempre o primeiro lugar.

Na sua visão de atenção farmacêutica Fernandes (2015) reafirma que a assistência deve ser a ferramenta do farmacêutico para promover o uso racional de medicamentos e assim, conscientizar a população da importância dessa prática, já Soterio (2016) salienta que o profissional farmacêutico auxilia na diminuição dos índices de automedicação quando orienta a população para o uso adequado.

Além do que Fernandes (2015) ressalta que “a atenção farmacêutica é uma estratégia para o uso racional de medicamentos, pois por intermédio dela o paciente recebe várias informações e orientações com o objetivo de maximizar a farmacoterapia”, para Soterio (2016) “é uma porção da prática profissional do farmacêutico onde ele tem o contato direto com o paciente”, essa proximidade auxilia tanto nas necessidades como nas dúvidas ocasionadas.

Resumindo, esse momento é a oportunidade do farmacêutico de fazer com que a farmácia não seja um simples comércio e sim, um estabelecimento de saúde, para Fernandes (2015) a atuação desses profissionais contribuem para melhorar a qualidade de vida do paciente, que automaticamente contribuem para a saúde pública do país.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise do material bibliográfico pesquisado, elucidou-se os conceitos da automedicação, uso racional e irracional de medicamentos, demonstrando o quanto uso irracional tem ganhado espaço no nosso país, trazendo riscos à saúde da população.

Foi possível evidenciar os riscos causados pelo uso irracional de medicamentos pelo fato de não ter o paciente conhecimentos das reações adversas, ou até mesmo das interações medicamentosas com outros medicamentos.

Foram abordados vários fatores que induzem o paciente a fazer uso irracional de medicamentos, como: excesso de propaganda nas redes sociais, a facilidade de compra tanto em comércio locais como no meio on-line, fatores econômicos e a dificuldade de acesso ao médico especialista, a falta de orientação de profissionais preparados para tal situação, bem como, as regras ditadas pela sociedade através de padrões estabelecidos como beleza.

Nesse sentido, fica evidente que a atenção farmacêutica é extremamente importante, sendo esta a ferramenta fundamental para promover o uso racional de medicamentos e conscientizar a sociedade através de informações corretas e seguras quanto ao uso do medicamento em que são utilizados no uso de doenças mais comuns.

Entretanto, é fundamental o papel ativo do profissional farmacêutico, a automedicação quando feita adequadamente com a orientação do farmacêutico é diferente do uso irracional, ou seja, quando a utilização do medicamento é feita sem o devido cuidado, por conta própria sem se ater aos possíveis riscos de interação medicamentosa com outros medicamentos e a reações adversas.

Outrossim, o farmacêutico é o profissional que tem competências e autonomia para desenvolver estratégias de ações que possam incentivar e educar a população sobre o uso correto de medicamentos.

Portanto, faz-se necessário uma abordagem multidisciplinar entre os profissionais da saúde para desenvolver, implementar, intervir e promover o uso mais racional dos medicamentos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, D. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, p. 733-736, 2008.

ARRAIS, P. *et al.* Prevalência e fatores determinantes do consumo de medicamentos no Município de Fortaleza, Ceará, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, p. 1737-1746, 2005.

BARBOSA, M.; NERILO, S. Atenção farmacêutica como promotora do uso racional de medicamentos. **Uningá Review**, v. 30, n. 2, 2017.

BRASIL. **Lei nº. 5.991**, de 17 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o Controle Sanitário do Comércio de Drogas, Medicamentos, Insumos Farmacêuticos e Correlatos, e dá outras Providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5991.htm Acesso em: 02 ago. 2022

CALADO, D. Orientação ao usuário quanto ao uso racional de medicamentos e sua inutilização quando necessário. 2016.

COELHO, R.; MACHADO, F. Conhecimento dos farmacêuticos atuantes em drogarias e farmácias sobre a prescrição farmacêutica na cidade de Mineiros-Goiás. **Estação Científica (UNIFAP)**, v. 8, n. 2, p. 57-68, 2018.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). **Resolução nº 338**, de 06 de Maio de 2004. Dispõe sobre a Política Nacional de Atenção Farmacêutica. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2004/res0338_06_05_2004.html Acesso em: 02 ago. 2022

FERNANDES, P.; FARIA, G.; PEREIRA, D. A importância do uso racional de medicamentos nas políticas de atenção farmacêutica e a prevenção da automedicação da população. **The importance of the rational use of medicines in pharmaceutical attention politics and the prevention of the population of self-medication**. 2020.

FERNANDES, W.; CEMBRANELLI, J. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. **Revista Univap**, v. 21, n. 37, p. 5-12, 2015.

FERREIRA, R.; TERRA JÚNIOR, A. Estudo sobre a automedicação, o uso irracional de medicamentos e o papel do farmacêutico na sua prevenção. 2018.

FRANÇA, C.; ANDRADE, L. Atuação do Farmacêutico na Assistência a Saúde em Farmácias Comunitárias. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 9, p. 398-413, 2021.

FREITAS, R. *et al.* Estratégias para promoção do uso racional de medicamentos. **Referências em Saúde da Faculdade Estácio de Sá de Goiás - RRS-FESGO**, v. 3, n. 2, 2020.

GIMENES, L. *et al.* A influência da propaganda de medicamentos na automedicação.

Revista Amazônia: Science & Health, v. 7, n. 2, 2019.

LIMA, D.; GUEDES, J. Atribuições do farmacêutico no uso racional de medicamentos e automedicação. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, p. e263101522827-e263101522827, 2021.

LOYOLA FILHO, A. et al. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, p. 55-62, 2002.

MENDES, G. Uso racional de medicamentos: o papel fundamental do farmacêutico. **Ciência & saúde coletiva**, v. 13, p. 569-571, 2008.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Política Nacional de Medicamentos. Brasília 1998. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_medicamentos.pdf. Acesso 20 julho 2022.

PINTO, L. A farmácia e a drogaria sob a nova ótica da RDC n. 44/2009 da Anvisa. **Revista de Direito Sanitário**, v. 12, n. 2, p. 140-177, 2011.

PONTES JUNIOR, D. et al. A definição de medicamentos prioritários para o monitoramento da qualidade laboratorial no Brasil: articulação entre a vigilância sanitária e a Política Nacional de Medicamentos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, p. 2081-2090, 2008.

RIBEIRO, B.; PRIETO, V. Alianças estratégicas no varejo farmacêutico: vantagens e desvantagens na percepção do gestor. **Gestão & Produção**, v. 20, p. 667-680, 2013.

ROCHA, A. Uso Racional de Medicamentos. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz; 2014. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/11634/1/25.pdf> Acesso 20 julho 2022.

SÁ, M.; BARROS, J.; SÁ, M. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro-PE. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 10, p. 75-85, 2007.

SANTOS, R. A importância do farmacêutico para o uso racional de medicamentos em crianças e adolescentes. **Revista Saúde.com**, v. 9, n. 4, p. 253-263, 2013.

SILVA, P.; RANGEL, B.; CASTILHO, S. Avaliação da propaganda de medicamentos isentos de prescrição em farmácias comunitárias do município de Niterói (RJ, Brasil). **Revista de Direito Sanitário**, v. 18, n. 3, p. 77-93, 2018.

SOBRAL, C. et al. A importância do uso racional de medicamentos. **FACIDER-Revista Científica**, n. 11, 2018.

SOTERIO, K.; SANTOS, M. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. **Revista da Graduação**, v. 9, n. 2, 2016.

SOUZA, J. A influência das mídias sociais sobre o uso racional de medicamentos, 2021.

VIEIRA, F. Possibilidades de contribuição do farmacêutico para a promoção da saúde. **Ciencia & saude coletiva**, v. 12, p. 213-220, 2007.

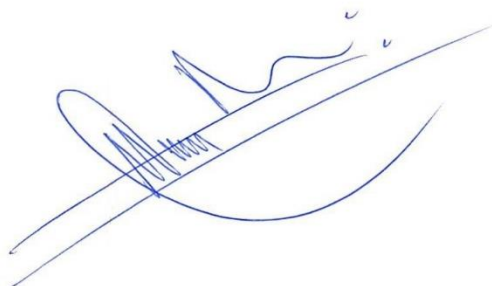
DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Declaramos para os devidos fins que nós, Elizabeth Ferreira Reis, RG: 30.770.962-0–SSP/SP e Misael Batista Reis, RG: 19.523.442-X-SSP/SP, alunos do Curso de Farmácia, Campus de Paranavaí/PR, somos autores do trabalho intitulado: **“Uso racional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico”**, que agora submetemos à banca examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso – Farmácia.

Também declaramos que é um trabalho inédito, nunca submetido à publicação anteriormente em qualquer meio de difusão científica.



Elizabeth Ferreira Reis
Assinatura digital



Misael Batista Reis
Assinatura digital